

NOS LABIRINTOS DA REDE ELETRÔNICA: O SILÊNCIO NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Ludmila Ferrarezi
Lucília Maria Sousa Romão

Resumo: Pretende analisar, a partir dos postulados teóricos da Análise do Discurso francesa, como o silêncio na biblioteca escolar é discursivizado na rede eletrônica, delineando um imaginário sobre esta instituição e as atividades nela realizadas. Procura investigar também se a Internet se configura como lugar de emergência de dizeres mais polissêmicos, que façam surgir sentidos além do dominante sobre a biblioteca escolar. Para tanto, apresenta algumas considerações acerca da topologia labiríntica da rede e das novas possibilidades de enunciação dos sujeitos que ela oferece. Em seguida, analisa alguns recortes, de uma lista de discussão *on-line* da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação, nos quais o silêncio na biblioteca escolar é abordado de diferentes formas.

Palavras-chave: Biblioteca escolar; Rede eletrônica; Análise do Discurso.

1 NOS LABIRINTOS DA REDE: SUJEITOS E SENTIDOS

No habrá nunca una puerta. Estás adentro/ Y el alcázar abarca el universo/ Y no tiene ni anverso ni reverso/ Ni externo muro ni secreto centro. (Jorge Luís Borges- Laberinto)

Este trabalho é parte de uma pesquisa que busca compreender, à luz dos conceitos da Análise do Discurso de linha francesa, como a biblioteca escolar está sendo discursivizada na Internet, de que maneiras a historicidade e a memória discursiva (PÊCHEUX, 1997) sustentam sentidos sobre esta instituição, observando o litígio entre diferentes posições de sujeito autor e leitor, que se movimentam e se constituem ao mesmo tempo em que os sentidos, nas páginas eletrônicas. Sendo assim, investigamos, neste artigo, como os sentidos sobre o silêncio na biblioteca escolar circulam por entre os

labirintos da rede eletrônica, delineando um imaginário sobre esta instituição.

O poema de Borges, que inaugura esse texto, oferece-nos algumas pistas sobre a materialidade que constitui estes labirintos, sua natureza fluida que é indicada pela ausência de limites rigidamente estabelecidos ou percursos previamente traçados para aqueles que neles se aventuram pelas redes da Internet.

O termo “*rede*” pode evocar sentidos muito diversos: a rede entrelaçada de fios que constituem um tecido; aquela usada para obtermos o alimento, capturar os peixes e outros animais; a que serve de proteção contra quedas e aquela na qual descansamos; a que nos engana quando caímos nela; aquela que divide os lados adversários em um jogo, como o tênis; a rede de transporte, de comunicação, de lojas; rede de esgoto, de energia elétrica, de água; rede de pessoas; enfim, seja unindo, sustentando ou até separando, a rede sempre esteve presente na vida do homem, o que é confirmado por Castells (2003, p.7): “uma rede é um conjunto de nós interconectados. A formação de redes é uma prática humana muito antiga, mas as redes ganharam vida nova em nosso tempo transformando-se em redes de informação energizadas pela Internet.” Sendo assim, em informática, rede significa: “o conjunto de computadores, terminais e demais equipamentos periféricos interligados por linhas de comunicação que lhes permitem intercambiar informações entre si” (RAMAL, 2002, p.136). Porém, como nos lembra Romão (2004a, p.41):

Com a rede disponibilizada, surge não apenas um novo suporte de informação, não se tem apenas um instrumento tecnológico capaz de transmitir dados de qualquer natureza de maneira instantânea, mas tem-se, pela primeira vez na história humana, uma cadeia mundialmente interconectada de máquinas que se comunicam entre si ao mesmo tempo e de diferentes lugares. Aparelhos eletrônicos são interligados continuamente dentro de uma tipologia não-linear, labiríntica e diversificada de endereços, onde desfilam

áreas de lazer, compras, estudo, entretenimento, pesquisa, conversa etc. Esse circuito febril de sites, páginas e endereços eletrônicos modifica substancialmente as noções de tempo e espaço.

As questões relativas às mudanças na concepção de espaço e tempo serão tratadas mais adiante; por ora, é importante ressaltarmos que, em meio a esse trânsito incessante de sites, sentidos e sujeitos que navegam por entre os nós da rede sem a presença de um centro controlador, podemos observar a “tessitura de vozes heterogêneas”, como jogos discursivos de repetição e ruptura de sentidos, como trança da memória sobre os fios de si mesma e, por fim, como arquivo capaz de fazer falar ou calar o político na linguagem” (ROMÃO, 2005a, p. 8),

Assim sendo, a Internet não é construída por meio de princípios hierárquicos, mas “como se uma grande teia na forma do globo envolvesse a terra inteira, sem bordas nem centros” (SANTAELLA, 2004, p. 38). Essa grande teia é composta por milhares de sub-redes, sendo a mais famosa delas a *World Wide Web*, conhecida geralmente apenas por *Web*. Segundo Lemos (2007) e também Blattmann e Fragoso (2003), a *Web* é a parte multimídia e a mais popular da Internet, que permite a visualização e a navegação por entre as páginas (as chamadas *Home Page*). Para que o sujeito possa navegar neste mar revolto e instável, são necessários “links, lexias hipertextuais que induzem a navegação de informação em informação, de site em site, de país em país através de softwares como o antigo Mosaic ou os atuais Netscape, Explorer ou mesmo o

* O conceito de heterogeneidade corresponde às diversas vozes atravessadas no discurso do sujeito, o que pode ocorrer de forma marcada e mostrada, através do uso de citação, entrevistas, depoimentos etc., ou de forma implícita (heterogeneidade constitutiva), através do retorno permanente ao interdiscurso. (AUTHIER-REVUZ, 1990)

magrinho Opera” (LEMOS, 2007, p.119). Assim, o hipertexto é materializado na rede a cada clique, a cada instante, “numa reconversão ininterrupta de sentidos de subjetividades que fluem, se misturam e se dinamizam mutuamente, integrando a inteligência coletiva constituída de uma multiplicidade de vozes, de culturas e de pensamentos.” (RAMAL, 2002, p.141).

Construído por muitas mãos, aberto a incontáveis *links* e sentidos possíveis, o hipertexto potencializa a subversão das categorias típicas da cultura linear, combinando informações textuais com sons e imagens animadas ou fixas, constituindo-se como uma obra com várias entradas disponíveis para o sujeito-navegador.

Após abordarmos alguns conceitos importantes para a compreensão do nosso tema e apresentarmos algumas pistas que nos levaram a tecer considerações sobre a topologia da rede, podemos discorrer sobre uma questão que ficou pendente: as mudanças nas noções de tempo e espaço, no âmbito da cibercultura e pós-modernidade. Para tanto, apoiamo-nos em Lemos (2007, p. 67-68) que traça um paralelo entre a modernidade e a pós-modernidade:

Na modernidade o tempo é linear (progresso e história) e o espaço é naturalizado e explorado enquanto lugar de coisas (direção, distância, forma, volume). Na modernidade, o tempo é um modo de esculpir o espaço, já que o progresso, a encarnação do tempo linear, implica a conquista do espaço físico. Na pós-modernidade, o sentimento é de compressão do espaço e do tempo, onde o tempo real (imediatos) e as redes telemáticas, desterritorializam (desespacializam) a cultura, tendo um forte impacto nas estruturas econômicas, sociais, políticas e culturais. O tempo é, assim, um modo de aniquilar o espaço. Este é o ambiente comunicacional da cibercultura.

Bauman (1999) aborda alguns aspectos semelhantes aos que foram apontados por Lemos (2007), ao focar a rigidez, solidez e

perenidade de um espaço moderno planejado, construído de aço e concreto e movido por malhas de ferrovias e rodovias. É ainda Bauman (1999, p. 25) quem nos conta que “sobre esse espaço territorial-urbanístico-arquitetônico, impôs-se o espaço cibernético do mundo humano com o advento da rede mundial de informática. Elementos desse espaço, de acordo com Paul Virilio são ‘desprovidos de dimensões espaciais, mas inscritos na temporalidade singular de uma difusão instantânea’.”, que fará com que as distinções entre aqui e lá não signifiquem mais nada, dando-nos a impressão de que as distâncias existem apenas para serem anuladas, como se o espaço fosse um convite a ser desrespeitado, visto que deixou de ser um obstáculo, bastando apenas uma fração de segundo para conquistá-lo. Deste modo, não haveria mais fronteiras naturais, nem lugares óbvios a serem ocupados.

Temos, assim, uma ânsia de estarmos em movimento, pois, como nos diz Bauman (1999, p. 85), “onde quer que estejamos em determinado momento, não podemos evitar de saber que poderíamos estar em outra parte, de modo que há cada vez menos razão para ficar em algum lugar específico”. Podemos inferir que os sujeitos inseridos em um (ciber) espaço flutuante, cuja paisagem continuará a fluir e girar à sua volta, mesmo alcançando a mobilidade, constroem “sua discursividade na fugacidade, também marcada pela possibilidade de dizer e escrever, na tela, a fantasia que lhe é interdita na realidade” (ROMÃO, 2005b, p.7). Por conseguinte, temos que os sujeitos podem ocupar diferentes posições, em um ambiente não delimitado pelo tempo linear da história, nem pela noção de geografia que constitui o impresso.

É relevante observarmos ainda que, para o sujeito-navegador da rede, os links que se remetem uns aos outros e colam-se mutuamente o tempo todo, constituindo uma teia de nós e conexões, só fazem e constroem sentidos, se ele tiver acesso à memória e ao arquivo. (ROMÃO, 2006). Assim sendo, inferimos que, apesar da rede inaugurar diversas novas possibilidades, abrir espaços para o

sujeito ocupar e enunciar a partir de outras posições, não podemos acreditar em um ideal de liberdade total, já que o acesso “se limita ao gesto de inscrever-se em locais que já foram autorizados, previamente lidos e acomodados” (ROMÃO, 2006, p. 307). Além disso:

A princípio acredita-se que tudo é permitido, desde acessar recursos diversificados, tais como ambientes de discussão (listas de discussões, fóruns, chats), páginas de hipermídia (homepages, revistas, catálogos, guias) e hipermídias (entre elas os filmes, a programação televisiva e de rádios *on-line*). Mas, gradativamente, os limites são descortinados, sejam de acesso a determinadas informações, ambientes restritos com cadastramento ou até mesmo pagamento de produtos e serviços tais como consultas a bases de dados, aos jornais e às revistas eletrônicas, ou mesmo da área comercial, que necessita do perfil para cativar e explorar o consumidor e gerar lucros. (BLATTMANN; FRAGOSO, 2003, p.61)

Esses entraves impostos à navegação nas redes da Internet evocam uma série de outras restrições ao acesso, de ordem social, econômica, educacional, etc. Posto isso não é possível acreditarmos na fantasia da infinitude, pois na fluida e incerta materialidade da rede discursiva, permeada por relações de força, nem todos os discursos e sujeitos são autorizados a circularem. Sendo assim, tal como os sujeitos e os discursos, a rede eletrônica se caracteriza pela incompletude, pela existência de “brechas, desvãos e buracos, que criam poros abertos, por onde escorregam vazios, escapam silêncios, escorrem os não-ditos e interditos”. (ROMÃO, 2004b, p.1). A partir dessas considerações, podemos perceber que as questões do acesso à rede são muito mais complexas do que parecem e que a Análise do Discurso pode contribuir para a compreensão dessas questões e

também de outras relacionadas aos discursos materializados na Internet.

2 ANÁLISE DISCURSIVA DE DADOS: A LEI DO SILÊNCIO PROPOSTA EM UM FÓRUM

Na lista de discussão de profissionais e estudantes de Biblioteconomia e Ciência da informação, denominada Bibamigos^{**}, chamou-nos a atenção um tópico intitulado “*Silêncio na biblioteca*”, que gerou seis mensagens, publicadas entre os dias 6 e 9 de maio de 2009 e analisadas neste artigo. Nelas, o silêncio é discursivizado de diferentes formas, segundo as posições ocupadas imaginariamente por sujeitos na posição de bibliotecários. Criou-se um espaço de discussão, descontraído, no qual se pede e dá sugestões, e até mesmo faz-se brincadeiras sobre a difícil tarefa de implantar o silêncio na biblioteca escolar. Consideramos que a Internet permitiu a emergência do discurso polêmico, ou seja, aquele em que há um equilíbrio entre polissemia e paráfrase, no qual “a polissemia é controlada uma vez que os interlocutores procuram direcionar, cada um por si, o referente do discurso” (ORLANDI, 2003, p.29).

Nos recortes da lista de discussão “Bibamigos” que serão apresentados a seguir, podemos observar também sentidos de normatização e de institucionalização do silêncio, sendo produzidos a partir de duas posições discursivas diferentes, uma que o legitima e outra que o contesta. Inferimos que os efeitos de ordem funcionam nas marcas linguísticas “*campanha*”, “*procedimentos*”, “*conscientização*”, “*regra*”, “*ações*”, fazendo falar algo exterior e anterior, ou seja, o interdiscurso político e jurídico tantas vezes instalado em campanhas políticas e em leis. Vejamos:

^{**} Todos os recortes analisados neste artigo foram retirados da lista de discussão “Bibamigos”. Disponível em: <<http://br.groups.yahoo.com/group/bibamigos/messages/25313>>. Acesso em 10 maio. 2009.

Queremos realizar a **Campanha do Silêncio** em nossa biblioteca, sendo assim, aceito sugestões

Gostaria de saber quais os **procedimentos** adotados em relação ao barulho dentro da biblioteca, principalmente quando os alunos utilizam as salas de estudo em grupo para conversarem alto.

Periodicamente lançar **campanha do silêncio** (você pode estabelecer um período: por mês, bimensalmente, etc), com material informativo, panfletos nos murais, e confeccionar camisetas para os funcionários com uma **frase de conscientização**. Você vai ver que não é muito caro.

Os **avisos** nas mesas tem que ser beeeem pequenininhos...pois **avisos** de tamanho normal não o fazem ler...**avisos** pequenos despertam a curiosidade e com certeza todos lerão e ficarão cientes da **regra**.
Caso façam barulho, estão fazendo de propósito.^{***}

Nos recortes acima, a biblioteca é discursivizada como um espaço que deve ser organizado e regido pelo silêncio, no qual não caberia a conversa, o diálogo, os sons ou movimentos dos alunos, nem mesmo quando se trata de estudo em grupo, atividade que indica a priori a presença de várias vozes; não há, assim, brechas por onde o silêncio possa escapar. Podemos observar como a memória discursiva sustenta esses sentidos de ordem e silêncio na biblioteca escolar, naturalizando-os como os únicos possíveis de serem enunciados, devendo ser exigidos e mantidos seja por meio de procedimentos, normas, regras, campanhas ou avisos. Tal funcionamento é dado ao modo de passos infalíveis de uma receita de bolo que só não dará certo, se os sujeitos-alunos não a seguirem, conforme pudemos ver no período “Caso façam barulho, estão

*** Ao apresentarmos os recortes da lista de discussão “Bibamigos”, mantivemos a grafia original. Todos os negritos utilizados são nossos.

fazendo de propósito”. A institucionalização do silêncio é ainda assegurada pelo comentário transcrito abaixo, que pontua uma data a ser lembrada, comemorada e repetida.

Falando em Silêncio... Hoje, dia 07/05 é **comemorado o Dia do Silêncio**

Pelo acesso ao interdiscurso, sabemos que uma data comemorativa diz respeito a fatos históricos, eventos de caráter nacional ou de extensão mundial, nascimento de celebridades ou temas de muita relevância; nessa direção de análise, observamos que, nesse recorte, o sujeito singulariza não apenas o dia e mês de comemoração do silêncio, mas uma identificação com os efeitos de silenciamento na biblioteca escolar, marcando-o com cumplicidade.

É interessante observarmos também como os significantes que até aqui sustentaram sentidos de restrição, imprimindo a lei do silêncio, podem ser deslocados, produzindo diferentes efeitos de sentido. Isto é possível, pois, como nos disse Pêcheux (1997, p. 160), o sentido não existe em si mesmo, visto que: “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”.

Sendo assim, nos recortes abaixo, temos outros efeitos de sentido, produzidos em uma posição discordante à campanha do silêncio, que delineiam um funcionamento discursivo diferente em relação à biblioteca escolar, indiciando na ordem da língua as nefastas conseqüências dessas ações coercitivas de imposição do silêncio, já enraizadas nas práticas discursivas e cotidianas de muitas bibliotecas instaladas dentro de escolas.

Para ser bem sincera com você eu acho que este tipo de **regra** ou **norma** para biblioteca **afeta muito a aceitação dos alunos** para com o espaço.

Talvez para amenizar um pouco o barulho você possa fazer um trabalho de **conscientização** com os alunos,

juntamente com o corpo docente da instituição, mostrando-lhes que **é possível interagir e se comunicar** na biblioteca sem prejudicar as outras pessoas. É um trabalho difícil mas que terá resultados muito mais satisfatórios. **Falo isso por experiência própria.**

Temos que **incentivar o uso da biblioteca e estas ações fazem com que a mesma se torne um ambiente chato** sendo que é de fundamental importância que a biblioteca seja um **espaço**, além de **conhecimento, de convivência e interação entre os usuários.**

O sujeito aqui sustenta o seu dizer apoiado no que considera ser um ponto importante naquela lista de discussão, a “experiência própria”. Em se tratando de um espaço interativo de sujeitos-bibliotecários, trabalhar e ser dessa área inscreve um efeito de verdade, antecipando e atribuindo sentidos de confiança a esse dizer. Observamos o indício da dificuldade de contestar a lei maior do silêncio, o que também produz uma antecipação e uma identificação com o sujeito-leitor, visto que no recorte acima temos que é possível trabalhar com “convivência e interação entre os usuários” e “interagir e se comunicar na biblioteca sem prejudicar as outras pessoas”; no entanto, isso não é fácil, ou melhor, é “um trabalho difícil, mas que terá resultados muito mais satisfatórios”. Observamos, então, uma fissura aberta por esse dizer na campanha do silêncio como a promover a emergência de um furo, uma rachadura naquilo que se apresentava, pelo efeito ideológico, como único modo de dizer da/sobre a biblioteca escolar. Sendo assim, marcamos que essa lista de discussão configurou-se como um espaço discursivo heterogêneo, no qual sujeitos enunciam a partir de diferentes formações discursivas, entrelaçando-se a outros sujeitos e discursos, promovendo tanto a repetição de um dizer autorizado e legitimado pela instituição de leitura na escola, quanto desarranjando-o.

Marcamos a presença de um já-dito, que retorna (res)significando sentidos acerca de como deve ser uma biblioteca, do silêncio, das práticas educativas, etc. A seguir, podemos observar a retomada da memória, dada pelo discurso político, instalando um efeito de denúncia do silêncio:

Eu e os alunos **odiamos a turma do psiu** (tenho 45 e trabalhei numa biblioteca escolar por 6 meses como estagiário). Isto não quer dizer que todos tem que aceitar a algazarra que os alunos podem fazer na biblioteca. Se vc tiver espaço, divida em ala dos falantes e não falantes. Ao invés da placa **proibido** conversar ou algo do gênero (que **eles odeiam**) coloque **PERMITIDO FALAR NA ALA DOS FALANTES**....mas aqui o povo não quer barulho...ou algo assim, ao invés de **proibir**, **permita** algo que os leve a uma **conscientização** ou eles **odiarão** a biblioteca cada vez mais. seja dos nossos... **lute** contra "**as tias**" **do psiu** e **combata** o que incomoda com política e inteligência e não com **plaquinhas autoritárias** e **ações militaristas**. Desculpa se o tom foi sarcástico, é que eu sei o quanto os alunos **odeiam o PSIU** e **tenho que falar por eles**...

Os dizeres acima são enunciados por um sujeito que também ocupa uma posição contrária aos sentidos que foram cristalizados, pela ideologia dominante, sobre o silêncio na escola e na biblioteca. Marcamos que por meio desta posição discursiva, sustenta-se um efeito de denúncia, dado pela retomada de sentidos circulantes no discurso político e também militar. Esse sujeito enuncia em nome de si mesmo e dos sujeitos-alunos, para os quais assume o papel de porta-voz, visto que não lhes é permitido manifestarem-se na biblioteca e sobre ela, o que podemos observar nas formulações: “eu e os alunos odiamos”, “seja dos nossos” e “tenho que falar por eles”.

Assim, imbuído como que de um estandarte da liberdade, o sujeito faz circular sua voz de protesto atravessada pela memória e

heterogeneidade, criando um efeito imaginário de uma luta contra ações coercitivas de imposição do silêncio (tal qual no período em que vigorou a ditadura militar no país), as quais ele nomeia de “autoritárias” e “militaristas”, devendo assim, ser combatidas com armas não-violentas (a saber, política e inteligência), como indicam as marcas linguísticas “lute” e “combata”, que, no imperativo, ganham os contornos de uma convocação, um alistamento e um chamamento à luta. Nesse discurso, é incessantemente marcada a repulsa por estas ações em prol do silêncio, dada pela repetição dos termos correlatos: “ódio”, “odiamos”, “odiarão”; observamos que, da mesma forma, também há uma repetição dos significantes “as tia do psiu”, “turma do psiu” e “psiu”, que representariam o alvo deste ódio. Assim sendo, o significante “psiu” instala um campo semântico de interdição na medida em que pertence a uma região de sentidos tida como não desejável, em que se remete tal campanha a sentidos de ódio, proibição, militarização e autoritarismo que já foram ditos e esquecidos em outros contextos e que agora retornam, pelo movimento da memória discursiva, ressignificados em relação ao silêncio na biblioteca escolar.

Para marcar seu posicionamento frente à questão do silêncio, esse sujeito lança mão da polissemia, instaurando, onde só havia sentidos parafrásticos relativos à institucionalização do silêncio (tanto favoráveis, quanto desfavoráveis), novos sentidos de interdição do mesmo, através do jogo entre os significantes “permitir” e “proibir”, pelo qual se sugere que “ao invés de proibir, permita”. Por fim, é importante marcarmos que, no discurso desse sujeito, também está presente o reconhecimento de que uma biblioteca na qual repousa um silêncio quase sepulcral não é desejável pelos alunos, o que contribuiria para agravar um descontentamento já existente, visto que eles podem odiar “ainda mais” a biblioteca escolar, reforçando um imaginário negativo que já sustenta esta instituição.

Além dos sentidos dados pelo discurso político, jurídico e militar, para apoiar ou rechaçar a campanha do silêncio, marcamos também um deslocamento de sentidos circulantes no campo semântico dos esportes como forma de representar o silêncio na biblioteca. No recorte abaixo, vemos como os dizeres dados pelo sistema de punições usado nos esportes, como o futebol e o vôlei, tidos como normativos e necessários para o funcionamento das competições, retornam e significam de forma diferente a necessidade de se controlar e impor limites ao ruído:

Mobilizar um funcionário e fornecê-lo **cartões: verde, amarelo e vermelho**. Quando alguém tiver fazendo barulho a pessoa chega e **mostra o cartão amarelo**, que adverte o usuário **de forma mais sutil**. O **cartão vermelho** adverte o usuário que **"passou dos limites"**. É uma forma que causa impacto e somente o usuário sabe do que se trata, **sem constrangê-lo** perante os outros. O **cartão verde** por sua vez é entregue ao **usuário que fez silêncio**, em forma de marcador de livro, com uma frase parabenizando-o pelo bom uso da biblioteca. Com certeza dissemina a boa ação entre os colegas. **Esse último projeto não é meu**, mas foi apresentado num encontro de bibliotecários. **A Bibliotecária disse** ter resolvido o problema no período de provas.

Por conseguinte, o sujeito-bibliotecário assumiria uma posição de “árbitro”, dirigindo o “jogo” das atividades realizadas na biblioteca empreendido por “jogadores” que, ao cometerem uma infração, especialmente se ela “passar dos limites”, devem ser advertidos. cremos que, apesar de haver, na fala desse sujeito, uma preocupação com o não-constrangimento, a não-obrigatoriedade do silêncio e o reconhecimento de que este não precisa estar presente em todos os momentos e situações, como se pode observar nos enunciados abaixo, os sentidos dominantes, “campeões” em seu

discurso são os de restrição, colorindo com tinta forte aquilo que já é dito e repetido sobre a lei do silêncio:

Concordo também com **a transformação do espaço da biblioteca em discussões e debates de grupos**. Gosto do **ambiente movimentado**, e **geralmente não cobro silêncio quando não há alunos estudando**. Mas já trabalhei numa biblioteca com grande fluxo de alunos (mais de 1.000 por dia) e **lá tínhamos que fazer sempre campanhas de silêncio**. O legal é que eu tinha o apoio e ajuda de toda a equipe. **Já fiz várias campanhas**, mas listo para você algumas que realmente deram certo
Mas de qualquer forma seria **bom oscilar entre períodos de silêncio** (como por exemplo no período de provas) e uma **certa liberação de conversa na biblioteca**. Os usuários tem que ser impactados com o bom senso, e **não fazerem silêncio obrigatoriamente**. É importante criar uma idéia que explique o porquê.

Marcamos a circulação de um efeito de veracidade e comprovação em um recorte anterior, no qual o discurso do sujeito é atravessado pela voz de um outro (“A Bibliotecária disse”) que conhece e tem experiência no assunto, podendo assim, dar conselhos e indicar ações a serem realizadas pelos demais. De forma semelhante, outros dizeres, agora não mais pela heterogeneidade, atestam esse efeito de confiabilidade no discurso como se pode observar nas marcas: “com certeza”, “pelo que sei”, “trabalhei numa biblioteca”, “já passei por isso”, “já fiz”, “realmente deram certo” etc.

Por fim, cabe ressaltar que encontramos sentidos além do dominante, instalados a partir da retomada e deslocamento de sentidos circulantes em outros discursos, como já dissemos; assim, marcamos a emergência de outras formas de significar o silêncio e a biblioteca, por meio de uma disputa entre vozes difusas em um discurso polêmico que é propiciado pela maleabilidade da rede

eletrônica. Nesse espaço, imaginariamente, o sujeito poderia ser livre para enunciar à sua maneira e romper com o mesmo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, nesse trabalho, introduzir a questão da topologia da rede eletrônica, situando-a no contexto da atualidade e flagrando como ela propicia outras formas de inscrição do sujeito e de produção de sentidos no ciberespaço. A questão inicial era se haveria possibilidade de emergência de outros discursos sobre a biblioteca escolar. Após a análise de dados, sugere-se que a Web propicia a emergência da polissemia, da ocupação de outras posições-sujeito para se enunciar sobre a biblioteca escolar. Assim, através do cruzamento de diferentes campos semânticos, sujeitos e sentidos, a Internet pode ser considerada como um “espaço polêmico das maneiras de ser”, de dizer e de significar, espaço esse aberto à rachadura dos dizeres e à fratura do sentido dominante.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.19, 1990.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

BLATTMANN, Ursula; FRAGOSO, Graça Maria. *O zapear a informação em bibliotecas e na Internet*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

RAMAL, Andrea Cecília. *Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Na teia eletrônica, fragmentos da memória. In: MORELLO, Rosângela. (Org.). *Giros na cidade: materialidade do espaço*. Campinas: LABEURB/NUDECRI-UNICAMP, 2004a.

_____. Nós, desconhecidos, na grande rede. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.5, 2004b. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0501/6%20art%204.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

_____. De areia e de silício: as tramas do discurso no livro eletrônico. *Especulo*, Madrid, n. 31, nov. 2005a. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero31/silicio.html>>. Acesso em: 17 abr. 2009.

_____. No país das maravilhas: uma metáfora sobre o dizer na rede. *Letra Magna*, ano 2, n.3, 2005b. Disponível em: <http://www.letramagna.com/lucilia_romao%20.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2009.

_____. O cavalete, a tela e o branco: introdução à autoria na rede eletrônica. *Delta*, São Paulo, v.22, n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22n2/a04v22n2.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2009

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

IN THE LABYRINTHS OF THE WEB: THE SILENCE IN THE SCHOLAR LIBRARY

Abstract: *It intends to analyze, by means of the theoretical postulates of french Discourse Analysis, how the silence in the school library is put in discourse in the web, outlining an imaginary about the library school and the activities that are performed in it. It also try to research if the web is a place of emergence of sentences more polysemous, which evoke senses beyond the dominants on the library school. For this, it presents some considerations about the web labyrinthic topology and new opportunities of enunciation of the subjects it offers. Then, it analyses some clippings, of an on-line discussion list of the Librarianship/Information Science, where the silence in the school library is broached, by different ways.*

Key-words: *Scholar library; Web; Discourse Analysis.*

Ludmila Ferrarezi

Bacharel em Ciências da Informação e da Documentação e Biblioteconomia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FCLRP/USP) e mestranda em Psicologia pela mesma instituição. Bolsista de mestrado da FAPESP.

E-mail: ludmila.ferrarezi@pg.ffclrp.usp.br

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.2, p. 176-193, jul./dez., 2010.

Lucília Maria Sousa Romão

Possui graduação em Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Barão de Mauá (1988) e doutorado em Psicologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto (2002). Tem experiência na área de Lingüística, com ênfase em Teoria e Análise Lingüística. Atualmente é docente da Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e da Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP/USP e também da Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da UFSCar

E-mail: luciliamsr@uol.com.br

Artigo:

Recebido em: 03/09/2009

Aceito em: 07/07/2010